

Mariana Vianna/Divulgação



tro dia, falando com o Boni (executivo hoje aposentado responsável pela consagração do império global), eu me perguntei: “Será que a gente não explicou direito o que eles devem fazer?”. Se a gente tá perdendo muito na televisão, pelo menos o cinema está aí, forte. Você vê um caso como o “Malu”, um filme contado com o coração, e nota as possibilidades boas que temos.

Qual é o maior problema que você enxerga hoje na gestão da Margareth Menezes no Ministério da Cultura?

Gestão. Não adianta o governo dar só R\$ 50 mil pra uma pessoa fazer um filme sem ter a noção do tempo que demora o processo de filmagem e do tanto de gente que passa a ser empregada para um set ficar de pé. Não por acaso, nos tempos do inominável (Jair Bolsonaro), a gente dizia, nos créditos de nossos longas, quantos empregos geramos, para pararem de dizer o absurdo de que mamamos nas tetas da leis. Sabe do que eu sinto falta hoje? É de termos uma liderança como a do Luiz Carlos Barreto, produtor que ainda está aí, mas não está

mais na frente, no front. Estamos precisando de um líder com a coragem e a disposição do Barretão.

Você fala da carência de lideranças, mas aponta com destaque o momento de bonança popular do nosso cinema, sobretudo com todo o agito do Oscar em torno de “Ainda Estou Aqui”. Como vê a consagração do filme, que já bateu 3,5 milhões de pagantes?

Para além da grande qualidade do filme, tem a Fernandinha (Torres). Depois do lin-

chamento por que a gente passou em anos recentes, na arte, o que a Fernandinha tem feito pela cultura brasileira, no mundo, é excepcional. Desde Carmen Miranda, ninguém teve uma repercussão tão forte. Sempre simpática e elegante, ela faz o mundo dar atenção para o filme e para o Brasil.

Estima-se que “Viva a Vida”, que estreia semana que vem, tenha um impacto popular forte, nessa leva de boas bilheteiras. Como é a sua parceria com a diretora do longa, Cris D’Amato, que já foi sua assistente?

A Cris D’Amato é uma irmã. Ela fica tão preocupada quando sabe que eu vou filmar que sempre arruma um tempo para estar comigo, mesmo sem me perguntar do que eu preciso. Já abriu até data na agenda para estar comigo no projeto “Toda Nudez Será Castigada”.

A franquia “Se Eu Fosse Você”, inaugurada por você em 2005, está completando 20 anos. Foi um dos maiores fenômenos da Retomada. O primeiro vendeu 3,6 milhões de tíquetes e o segundo, de 2009, vendeu 6,1 milhões de entradas. Que importância esse sucesso tem para a sua trajetória como cineasta?

Foi uma alegria fazer um filme pensando no público, calcado em grandes atores que conseguiam fazer humor sem se basear na palhaçada para isso. Não era eu que ia dirigir, inicialmente, mas, sim, o Jorginho Fernando. Acabou que eu entrei, em cima da hora, e escalei a Glória Pires e o Tony Ramos, que não sabiam que tinham humor. Para o segundo, eu estudei muito, tecnicamente, “O Poderoso Chefão 2”. Queria entender o que o mestre Francis Ford Coppola fez no que é considerada uma sequência perfeita.

Falando em estudar exemplos de prestígio, temos o Oscar 2025 chegando no dia 2 de março. Além de “Ainda Estou Aqui”, que filmes te impressionaram bem?

A única atuação que é páreo para a da Fernandinha é a da atriz (Mikey Madison) do “Anora”, de que eu gosto muito. Seu diretor, Sean Baker, que já havia me impressionado no “Projeto Flórida” e no “Tangerina”, fez algo próximo de Billy Wilder nessa sua comédia. Tem “A Semente do Fruto Sagrado” nesse Oscar e é um filme impressionante, vindo do Irã. Tem ainda o indiano “Tudo Que Imaginamos Como Luz”, que também me impressionou. A cinebiografia do Bob Dylan, “Um Completo Desconhecido”, é um filme muito bom, com Timothée Chalamet numa grande atuação.